

# Boletim de Ocorrência



Por  
Celito De Grandi

002

## Os tiros que calaram a santa prostituta

A morte da Guapa, um crime que sacudiu São Gabriel no começo do século passado, é o segundo caso da série que durante 52 domingos de 2012 vai contar uma história enigmática

Ela chegou a São Gabriel pelas mãos de um conterrâneo do Uruguai, o empresário João Boaventura Bragança. Ele se dedicava a intermediar a compra e venda de terras na fronteira oeste do Estado, no início do século passado e seu escritório funcionava, em certos casos, também como hotel.

Maria Isabel Hornos não era uma mulher qualquer. Havia estudado nos melhores colégios de Montevideú, onde fez um curso de artes cênicas. Lia muito, falava bem o português, veio com o título de artista e o apelido de Guapa, por ser decidida e arrojada.

Bonita, charmosa, insinuante, é dada a poucos e caros amores. Desejada por todos os homens da cidade, logo ela instala uma casa com belas e elegantes mulheres. Um cabaré, ou bordel.

Autoridades e figuras importantes procuram-na para ouvi-la: torna-se confidente e conselheira. Somente até as 22h, quando abre as portas da casa noturna.

Pouco transita pelas ruas, e quando o faz, é cercada por crianças e gente do povo. Às primeiras, distribui balas e chocolate; para os mais pobres, dinheiro, remédios, presentes.

Assim tão popular, não é aceita pelas mulheres dos fazendeiros, invejosas de sua juventude, elegância e luxo.

Noite quente do Carnaval de 1924. Maria Isabel está à frente do toucador. Janelas abertas, aperfeiçoa e retoca o novo desenho do rosto. A tonalidade clara da sua pele dá lugar à maquiagem forte do ocre indígena. Está pronta para o grande baile, o salão do cabaré vai estar repleto.

Sempre envolta em tecidos e joias importadas, agora ela desaba, quase nua, fantasiada de índia apache. Dois disparos de revólver atingem o seu tórax, pelas costas. É sábado, 3 de março, a Guapa está com 27 anos.

A autora intelectual do crime, mulher de um rico fazendeiro, o amante da uruguaia, havia acertado a data com o responsável pelos tiros, um cabo do "Corpo de Provisórios":

durante o Carnaval. A população, encantada com os folgedos, haveria de esquecer com facilidade o episódio.

Foi o contrário.

A cidade parou; centenas acompanharam o féretro a pé, e a população passou a reverenciá-la como "Irmãzinha Guapa" e "Santa Prostituta", pelos milagres a ela atribuídos.

Guapa tinha por hábito fazer um pequeno corte no canto das cédulas de 500 mil réis recebidas dos clientes. E o seu assassino logo foi visto trocando algumas delas no comércio. Havia sido roubadas do quarto no dia do crime.

Todos os contemporâneos conheciam a identidade da mandante. A família, poderosa, fez com que o promotor interessado no processo fosse logo transferido. E as investigações cessaram para sempre. Até hoje se sabe quem é, mas ninguém revela nomes.

Passado quase um século, a Guapa é unanimidade em São Gabriel. Há absoluto respeito por ela. Em seu túmulo, no Cemitério Municipal, e na capela ali construída, estão dezenas de placas de agradecimento por graças e curas, além de incontáveis oferendas: anéis e pulseiras, batom, peças de vestuário, vestidos de noiva que são muitas vezes furtados porque as portas permanecem abertas.

Divergência sobre o crime só há uma. O historiador Osório Santana Figueiredo, 85 anos, afirma que o cabo atirou em Maria Isabel escondido atrás de cortinas, e o advogado e pesquisador Dagoberto Focaccia, 75 anos, fervoroso devoto, diz que os disparos vieram da rua. Acende uma vela para Guapa e informa:

– As pessoas costumam pedir a ela que o amor não acabe, seja eterno.

Com Maria do Carmo, de São Borja, e Maria Degolada, de Porto Alegre, também mortas por homens que vestiam fardas, Maria Isabel forma a tríade de lendas das Santas Prostitutas do Rio Grande do Sul.

### O crime

#### Vítima:

Maria Isabel Hornos, a Guapa

Época do crime:  
Carnaval de 1924

#### Cidade:

São Gabriel

#### Principal suspeito:

um cabo do "Corpo de Provisórios"

#### Motivação:

vingança por traição

Assassinato transformou a prostituta Guapa em santa, que até hoje recebe oferendas em um altar junto ao túmulo



Advogado e pesquisador, Dagoberto Focaccia, 75 anos, acende uma vela e faz um pedido